

entre sessões

PSICANÁLISE PARA
ALÉM DO DIVÃ

**Lucas
Liedke**



PAIDÓS

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

entre sessões

**PSICANÁLISE PARA
ALÉM DO DIVÃ**

**Lucas
Liedke**

PAIDÓS
TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Copyright © Lucas Liedke, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Todos os direitos reservados.

PREPARAÇÃO: Valquíria Matioli
REVISÃO: Ana Laura Valerio e Ana Maria Fiorini
PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO: Nine Editorial
CAPA: Gabriela Pires e Guilherme Vieira/Estúdio Daó

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Liedke, Lucas

Entre sessões: psicanálise para além do divã / Lucas Liedke. –
São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.
208 p.

ISBN 978-85-422-2141-1

1. Psicanálise I. Título

23-0676

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo.

2023

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – CEP 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

SUMÁRIO

PAIDÓS

PREFÁCIO – LETRUX 10

— O QUE HÁ ENTRE? 14

NA PORTA DO CONSULTÓRIO 22

Rituais de iniciação 24

O Desconhecido (logo de cara) 29

Conceitos em suspensão 38

Formação do sujeito, analista em formação 48

NOTÍCIAS DO ICS 56

Não existe ato falho 59

Meu sintoma favorito 65

Eu queria sonhar com Freud 74

Meme, o chiste digital 81

NOS VEMOS LÁ FORA 90

Análise cultural 94

Insta-therapy 102

Por um mundo melhor? 112

PALAVRAS EM ANÁLISE 126

Crise de escuta 129

A garganta que pensa 142

Psi-léxico 152

O TEMPO QUE LEVA TEMPO 166

Tempo perdido 170

Não linear, do começo ao fim 178

Linha de chegada, cura ou morte 188

NA PORTA DO CONSULTÓRIO

PAIDÓS

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA

Meu antigo analista costumava dizer que existe um fosso na porta de qualquer consultório de psicanálise. A conta é mais ou menos assim: tem muita gente que afirma querer fazer análise. Alguns vão atrás e buscam indicação de um possível candidato para ocupar a função de “meu/minha analista”. Um número ainda menor de pessoas efetivamente entra em contato, marca a primeira sessão, chamando-a de consulta. E, no fim, poucos são os que conseguem, efetivamente, chegar no dia e na hora certa e abrir a porta sem cair no buraco que antecede qualquer entrada em análise.

Podemos pensar em algo semelhante para o interesse em geral pela psicanálise, nos primeiros contatos com a teoria, na regularidade e paciência com

os estudos, na escuta dos relatos alheios de sessões e processos de análise. É comum começarmos espiando esse mundo pela fechadura, com uma mistura de curiosidade, fascínio e estranhamento. Minha associação livre agora foi com a cena primária freudiana, mas depois falamos sobre isso.

Para esta parte inaugural do livro, nos meus primeiros passos como autor e nos seus como leitor ou leitora por aqui, o meu convite é para nos aproximarmos com tranquilidade e sem nenhuma pressa por apreensão de conteúdo. Para isso, vou recorrer a algumas definições teóricas bastante breves e relatos dos questionamentos iniciais que marcaram a minha relação pessoal e profissional com a psicanálise.

RITUAIS DE INICIAÇÃO

Não vou tentar começar exatamente do começo, porque seria impossível ter acesso a *um* grande começo. Mas, pensando sobre *algum* começo, vários momentos marcantes me vêm à mente. Em um deles, eu estava deitado no sofá da minha antiga sala, o sol batendo pela janela, e segurava em minhas mãos *Cartas a um jovem terapeuta: reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos*, do psicanalista Contardo

Calligaris. Li aquele livro tão curtinho e especial em poucos dias e me senti intimamente inspirado. Mas, mais do que isso, me senti acolhido. Tinha 35 anos, estava em análise e estudando psicanálise havia algum tempo – nem muito, nem pouco – e enxergava a mim mesmo como um jovem terapeuta em potencial. Me sentia assim tanto na vida como na psicanálise. E, por isso mesmo, dava tantas voltas, repetidamente, ao redor da seguinte questão: será que eu já era um analista? Ou melhor, quando é que isso viria a acontecer?

Sobre essa atribuição tão específica do tornar-se psicanalista, Calligaris conta, nesse mesmo livro, que as coisas na École Freudienne de Paris eram aparentemente tão “fáceis” que acabavam se tornando extremamente difíceis: “O sistema parecia fácil demais, sem currículo para ser preenchido e sem entrevistas de seleção. Na realidade, era assustador, pois forçava cada um a encarar a responsabilidade de sua decisão sem um carimbo que o autorizasse”.¹

Autorizar-se psicanalista, pelo meu próprio desejo e pela responsabilidade que essa posição e função determinam, era então o grande desafio que

1 CALLIGARIS, Contardo. *Cartas a um jovem terapeuta: reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos*. São Paulo: Planeta, 2019.

eu teria pela frente. Eu já havia escutado, inúmeras vezes, que essa virada só poderia acontecer se fosse muito bem sustentada por três fatores: 1) o percurso da minha própria análise (a chamada análise didática); 2) um relativo domínio do conhecimento teórico; e 3) a supervisão clínica. Mas, para além do famoso tripé, estabelecido há mais de cem anos (desde 1920), há também algo fundamental nessa empreitada, que é o contínuo fazer. A práxis do analista que é analista porque analisa e porque é reconhecido por isso entre seus pares e analisandos. Simples e difícil assim.

Voltando uns bons anos, para 2004, me vem outra recordação marcante: a minha primeira prova de psicanálise na faculdade de psicologia, na qual, para minha surpresa, acabei tirando nota 10. Ótimo, mas o que aquilo queria dizer? Não muito, até porque a psicanálise nunca foi sobre acertar nas provas e tirar notas altas. Aquele foi um primeiro passo, ainda que muito pequeno, mas muito importante para mim. Na época, fui tomado por uma grande empolgação em explorar esse calabouço que começava a se abrir à minha frente. Um lugar fascinante, estranho e sombrio, povoado por temas pesados e desconfortáveis, que muitas vezes fizeram eu me sentir ainda mais solitário na minha própria existência. Era como se as

coisas que eu pensava e sentia com relação à psicanálise não fossem bem aquelas que eu escutava e lia a respeito dela. E como não há exatamente um tira-teima, mesmo que a gente converse e troque muito a respeito, os momentos de desconforto na antessala da psicanálise pareceram sempre intransponíveis. Esse lugar da psicanálise foi se construindo aos poucos dentro de mim e me instigando a querer descobrir o que mais poderia sair lá de dentro quando eu abrisse completamente essa porta. A famosa mistura de medo com desejo. De curiosidade com uma certa aversão. Ou até repulsa. Ou tesão.

Se os primeiros passos foram movidos por um interesse enigmático, os seguintes foram marcados por muitas dúvidas e pela contínua sensação de que eu jamais iria entender ou aprender sobre psicanálise como eu gostaria ou achava que deveria. A linguagem e os conceitos sempre soaram herméticos demais. Difícil de ler. De escutar. De falar. Por que precisa ser tão complicado? Aos poucos, fui fazendo as pazes com o fato de que a psicanálise é difícil mesmo. Talvez porque a vida e as situações que a clínica nos apresenta também costumem ser. Mesmo assim, fui percebendo que é melhor lidar com as questões difíceis e instigantes do que com as chatas e mediócras.